

## EFEITOS DE MATERNIDADE NO *POST*: MOVIMENTOS DE SENTIDO ENTRE ESTABILIZAÇÃO E RESISTÊNCIA

### EFFECTS OF MOTHERHOOD IN *POST*: MOVEMENTS OF SENSE BETWEEN STABILIZATION AND RESISTANCE

Aline Fernandes de Azevedo Bocchi <sup>1</sup>

**Resumo:** *Este artigo tem por objetivo formular uma reflexão acerca do funcionamento da linguagem no espaço virtual, em postagens do Facebook que inscrevem movimentos de sentido em torno da questão da maternidade. Particularmente voltado para a constituição, formulação e circulação do post como lugar de inscrição subjetiva, ou seja, materialidade na qual os sujeitos se posicionam politicamente inscrevendo, portanto, diferentes gestos de autoria, o artigo se ocupa do exame de três postagens nas quais o político, o ideológico e o social se tencionam em diferentes nuances, produzindo efeitos de maternidade que se movimentam entre a saturação e o desvio, entre estabilização e deslocamento. Sustentados no referencial teórico da Análise de Discurso, examinamos os enunciados “mãe é mãe” e “eu não amo ser mãe”, que insurgem nas formulações constitutivas do corpus construído para esta reflexão, destacando as diferentes posições ideológicas que neles surgem como tomadas de posição do sujeito, ratificando um funcionamento contraditório no qual prevalece uma dominância de sentidos sobre o que é ser mãe em nossa formação social.*

**Palavras-chave:** *Maternidade; Post; Resistência; Análise de Discurso.*

**Abstract:** *The aim of this article is to formulate some reflection on the functioning of language in virtual space, in Facebook posts that register movements of meanings concerning the issue of motherhood. Particularly focusing on the constitution, formulation and circulation of the post as a place of subjective inscription, that is, materiality in which the subjects are politically positioned, thus inscribing different gestures of authorship, the article deals with the examination of three posts in which the political, ideological and social are intended in different nuances, producing motherhood effects that move between saturation and deviation, between stabilization and displacement. Based on the theoretical framework of Discourse Analysis, we examine the enunciations "a mother is a mother" and "I do not love being a mother", which insinuate in the constitutive formulations of the corpus constructed for this reflection, highlighting the different ideological positions that appear in them as positions of the subject, ratifying a contradictory functioning in which a predominance of meanings prevails over what it is to be a mother in our social upbringing.*

**Keywords:** *Motherhood; Post; Resistance; Discourse Analysis.*

## 1 Introdução

O objetivo deste artigo<sup>2</sup> é apresentar uma reflexão sobre a constituição subjetiva e a circulação da linguagem no espaço virtual, por meio da análise de recortes de postagens selecionadas na rede social Facebook, as quais produzem efeitos acerca de uma questão

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (FFCLRp-USP); Docente Colaboradora na Universidade de Franca (UNIFRAN). Doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP). São Paulo; Brasil; e-mail: [azevedo.aline@gmail.com](mailto:azevedo.aline@gmail.com)

<sup>2</sup> Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp, processo n° 2016/20876-6.

particular: a maternidade. As análises apontam, a partir do *corpus* delimitado, diferentes movimentos de sentido acerca da experiência da maternidade, mostrando que o funcionamento discursivo no *post* se articula às formas pelas quais os sujeitos se posicionam politicamente e implicam, portanto, diferentes gestos de autoria. Problematizamos o *post*, neste trabalho, como um *sítio significante* (ORLANDI, 1996) no qual o político, o ideológico e o social se tencionam em diferentes nuances, produzindo efeitos de maternidade que se movimentam entre a saturação e o desvio, entre estabilização e deslocamento.

Nosso desafio consiste em pensar os modos de constituição, formulação e circulação de sentidos sobre a maternidade na rede de sociabilidade Facebook, compreendida não simplesmente em sua base técnica, como meio ou plataforma de um dizer, mas problematizada em seu funcionamento discursivo, como uma prática enunciativa contemporânea. Enquanto “dispositivo de enunciação centrado no eu”, conforme menciona Chaves (2015, p. 51), o Facebook mantém um funcionamento centrado na aspiração para conectar, sob a *evidência do tudo dizer*: “você pode se conectar e compartilhar o que você quiser com quem é importante em sua vida”, explicita-se em sua página de abertura. Tudo se passa sob a “égide de um efeito de liberdade excessiva” (CHAVES, 2015, p. 42), que envolve aspectos mercadológicos, explicitados na presença de anunciantes, e armazenamento de dados submetidos a políticas e termos de compromisso.

Em termos imaginários, segundo Fedatto (2015, p. 90), “as redes sociais parecem reproduzir todas as formas-sujeito, todos os lugares sociais, todas as posições discursivas”. Nelas, o sujeito pode tanto inscrever-se como idênticos a si mesmos, assumindo sua identidade jurídica, como também criar um personagem de si, “um duplo ou uma invenção aberta, múltipla, que pode tomar qualquer forma”. Esse efeito de flexibilidade para dizer de si possibilita ao sujeito situar-se na evidência do tudo dizer, como se todos os dizeres fossem possíveis e aceitáveis. Entretanto, o Facebook se constitui como um espaço clivado pelo silenciamento e pela censura, conforme mostraremos em nossas análises.

Deste modo, pretendemos fazer avançar uma discussão sobre a prática de linguagem implicada neste dispositivo de enunciação, especialmente no que tange ao funcionamento da memória discursiva (PÊCHEUX, 2007) em sua articulação com a memória metálica (ORLANDI, 1999), e que “produzem novos tipos de performativo interpelando o sujeito a partir de seu próprio narcisismo”, segundo Pêcheux (2011, p. 74), sustentados pela língua de vento. Para tanto, construímos um *corpus* que consiste em recortes de três postagens que produzem *diferentes efeitos de maternidade*, articulados a gestos de autoria, cuja seleção se justifica, justamente, pelas diferentes posições-sujeito nelas inscritas.

Consideramos, pois, o *post* como espaço polêmico de leituras, no qual há um processo de interpelação do sujeito mulher mãe. Isso implica concebê-lo como lugar no qual a ideologia se realiza, sob a forma de formações ideológicas articuladas a formações discursivas particulares. Assim, levamos em conta as relações de antagonismo, aliança, recuperação e absorção entre as formações discursivas, que caracterizam um estado das relações sociais, em uma dada conjuntura da formação social. Conforme Pêcheux, Haroche e Henry,

falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento suscetível de intervir – como uma força confrontada a outras forças – na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado. Cada formação ideológica constitui, desse modo, um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” e nem “universais”, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas em relação às outras. (1971, p. 102)

As formações ideológicas comportam, então, como um de seus componentes, “uma ou várias formações discursivas inter-relacionadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.), a partir de uma posição dada em uma conjuntura...” (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 11). Nossa montagem instrumental visa, deste modo, não apenas o processo de produção de efeitos de sentido para a maternidade mas, também, a explicação das proposições teóricas que, neste artigo, tencionamos problematizar. A forma com que a Análise de Discurso trabalha seu método e a construção de seus procedimentos de análise dificulta uma abordagem de escrita que separe seus procedimentos metodológicos dos aspectos teórico-analíticos propriamente ditos. Assim, os aspectos metodológicos relativos aos procedimentos de análise são apresentados no decorrer do texto, de forma gradativa e coerente com a teoria em questão.

## **2 O funcionamento discursivo do *post***

Enquanto discursividade tecnológica, o *post* media a relação dos sujeitos com a linguagem. Isso quer dizer que a tecnologia, desde tal perspectiva, é tratada como uma questão simbólica, política e ideológica, como “instância de produção de discursos, de relações de poder” (DIAS, 2013, p. 50). Ela constitui uma “ideologia da comunicação”, segundo Cristiane Dias, que se sustenta nas chamadas “inovações tecnológicas”, elidindo a relação fundamental linguagem/silêncio em proveito de uma posição na qual o silêncio constitutivo do dizer é apagado pelo excesso do dizer, produzindo a saturação dos sentidos.

Nesta direção, o *post* nos oferece uma leitura não-linear; sua organização é dada a partir do modo como o acontecimento da tecnologia se estrutura (DIAS, 2013, p. 54), ou seja, o *layout*, *links* bem como o próprio texto compõem uma série de recursos que inauguram uma maneira de ler na qual o “navegar”, o “clicar”, o “curtir”, o “comentar” e o “compartilhar” perfazem movimentos de leitura, inscrevem posições-sujeito que (se) debatem o tema da maternidade e suas experiências, num funcionamento marcado pela completude, pela saturação, pelo esgotamento do sentido.

Ainda segundo Dias (2012), a internet instala uma noção outra de espaço-tempo, ou seja, ela produz mudanças na maneira de estar e circular do sujeito, constituindo-se, pois, como espaço político-simbólico afetado pelo sistema jurídico, pelas mesmas formas de controle e relações sociais que funcionam no espaço físico, funcionando como uma ramificação do espaço público. Entretanto, ao simbolizar no espaço virtual aquilo que existe no mundo, ela institui uma temporalidade própria, constituindo a materialidade do ciberespaço. “Materialidade esta que não é apreensível senão pela historicidade das relações, pela compreensão da deriva do sujeito e do sentido” (DIAS, 2012, p. 49).

Considerando a especificidade do Facebook, é possível verificar que essa “rede social”, que se apresenta como uma forma de “conectar” as pessoas instala um espaço de formulação e circulação de vários tipos de materiais, tecidos por diversos funcionamentos: fotografias, audiovisuais, textos escritos, artes gráficas etc., articulados a discursos diversos, de divulgação, denúncia, convocação, humor, ironia etc., que perfazem, contudo, formas de escrita afetadas pelo suporte digital – o teclado, os *emotions*, as curtidas etc., que funcionam de modo a: a) incitar o sujeito a tornar públicos seus pensamentos, sentimentos e acontecimentos cotidianos, produzindo, assim, a diluição da fronteira público/privado; b) convocar o sujeito a se posicionar em relação àquilo que foi publicado ou compartilhado por seus “amigos”, configurando, assim, uma forma de relação social real, uma vez que o virtual não é uma fantasia, conforme Lévy (1996), mas um espaço onde as pessoas estabelecem relações com o outro na contemporaneidade.

Veremos que esse dispositivo de enunciação inscreve uma prática política particular, na qual se imprime, por vezes, certa *fragilidade do laço social*, não apenas porque as tomadas de posição do sujeito implicam outra forma de comprometimento do sujeito com seu dizer. Mas, sobretudo, porque os mecanismos pelos quais essa discursividade funciona permitem a denegação do outro, sob a forma da ofensa, da violência verbal, da ameaça, mas também da exclusão e da censura, muitas vezes protegidos por uma identidade anônima. Assim, o filiar-se a uma posição, que neste processo discursivo funciona no instante de um clique e na

efemeridade de sua duração, produz um outro tipo de relação do sujeito com seu dizer, onde há um engajamento de uma outra ordem, que implica – e isso é o que procuramos sustentar – um tipo de responsabilização enunciativa particular.

### 3 “Ser mãe é ser mãe”: efeitos de maternidade entre evidência e opacidade

No primeiro recorte que compõe nosso *corpus*, apresentado na figura 1, examinamos um *post* bem como um de seus comentários, considerando-o efeito de leitura. Nessa postagem, há um sujeito-enunciador que se autoneia “Na barra da saia”: uma forma de nomear-se através do recurso a um avatar construído em torno de uma ideia/comportamento na qual há um apagamento da identidade jurídica, produzindo um vínculo particular do sujeito com seu dizer, marcado por uma dissolução da responsabilização do sujeito por sua fala. “Na barra da saia” consiste em uma expressão opaca, posto que clivada por contradições: embora esteja atravessada por sentidos que remetem a um comportamento de superproteção materna, sugere, ao mesmo tempo, uma filiação à “criação com apego”, ideia bastante difundida nos espaços discursivos de maternidade e que implica um tipo de “maternidade consciente”.

Segundo o *blog Cientista que virou mãe*, importante espaço virtual de formulação e circulação de discursos sobre a maternidade, a formulação “criação com apego” é a tradução literal de *attachment parenting*, expressão que designa “criação com afeto, criação com vínculo” (SENA, 2012). Nos modos de sua formulação, a expressão “Na barra da saia” nos coloca face à opacidade dos discursos, pois indica que seu sentido não existe em si mesmo, conforme Pêcheux (2009), mas é determinado pelas posições ideológicas inscritas na materialidade do discurso. Assim, a formulação “Na barra da saia” tem seus sentidos constituídos na relação que estabelece com outras formulações presentes na postagem, particularmente nos modos pelos quais o encadeamento discursivo tematiza a questão da maternidade, num funcionamento que se constitui em unidade e divisão, desenrolando-se “[...] em um mundo que não acaba nunca de se dividir em dois” (PÊCHEUX, 1990, p. 12).

No *post*, o sentido do nome mãe é construído a partir de experiências e comportamentos considerados polêmicos em espaços virtuais nos quais a maternidade é debatida. Ou seja, nele a maternidade é formulada em relação a quatro temas principais: o parto, o trabalho, a adoção e o aleitamento, que produzem sentidos para a maternidade a partir de determinadas práticas, tais quais “gestar”, “adotar”, “parir”, “trabalhar” e “amamentar”. O funcionamento da anáfora - “Quem... é mãe” - inscreve a maternidade em um espaço de repetição clivado antagonismos com relação às “ações” e “decisões” relativas ao parto, ao trabalho e à amamentação. O *post*, no modo como mantém um encadeamento discursivo

marcado pelo funcionamento parafrástico, no qual as substituições lexicais são índice da presença de uma formação discursiva a reger o processo discursivo, produz um efeito de indistinção entre as práticas nele explicitadas.



**Figura 1** – Primeiro recorte composto pelo *post* de “Na barra da saia”, selecionado na rede social Facebook.

**Fonte:** www.facebook.com

Enfatizamos que nosso objetivo não é descrever o comportamento sintático da sequência discursiva, mas mostrar que não podemos dar conta os efeitos possíveis ligados a essa operação sem considerar aquilo que caracterizamos como a especificidade do discursivo. Assim, temos a seguinte Sequência Discursiva (SD1):

SD1:

Quem fez cesárea é mãe.  
Quem fez parto normal é mãe.

Quem trabalha é mãe.  
Quem fica em casa é mãe.

Quem gestou é mãe.  
Quem adotou é mãe.

Quem amamentou é mãe.  
Quem não amamentou é mãe.

Esta primeira SD é composta por quatro pares de formulações que, conforme dissemos, tecem sentidos para a maternidade nesta formação discursiva (FD). Eles se formulam no

intradiscurso<sup>3</sup> como antagonismos, rivalidade de posições que instaura um efeito de polêmica. Assim, o primeiro par se assenta numa suposta rivalidade acerca da via de parto, construída pelas posições antagônicas entre “quem fez cesárea” e “quem fez parto normal”. É importante esclarecer que o antagonismo é construído no *intradiscurso* como efeito do *interdiscurso*, o qual é composto pelo complexo das formações discursivas presentes na atual conjuntura histórica. Isso quer dizer que a relação de antagonismo estabelecida entre diferentes “opções” atribuídas ao sujeito mãe acerca da via de parto deriva de um exterior/anterior ao discurso, de um pré-construído que sustenta a própria polêmica. Esse primeiro par de formulações, no modo como é inscrito no intradiscurso, produz um efeito de paridade no que se refere à via de parto, posto que nele tanto quem fez cesárea quanto quem fez parto normal são consideradas mães. Ou seja, essas formulações se inscrevem numa tentativa de anular tal antagonismo. O mesmo ocorre nos demais pares de formulações, assegurado pelo funcionamento da anáfora que instaura a repetição no encadeamento discursivo.

Assim, o terceiro par de formulações produz um efeito de similitude entre *gestar* e *adotar*, construindo ambos como atributos da maternidade e colocando-os em relação de igualdade. Ele tece, então, um efeito de anulação do antagonismo suposto entre essas duas ações. Já no quarto par de formulações observamos que a amamentação é construída no intradiscurso a partir desta mesma relação de paridade entre “quem amamentou” e “quem não amamentou”, formulada desta vez por meio da negação. A produção da evidência (é óbvio que tanto quem amamentou quanto quem não amamentou são mães!) funciona de modo a dissimular a contradição constitutiva das condições de produção do discurso. É o segundo par de formulações, contudo, que permite vê-la. Vejamos paráfrases (im)possíveis para este par:

Quem trabalha é mãe.  
Quem não trabalha é mãe.

Quem trabalha é mãe.  
Quem trabalha em casa é mãe.

Essas duas paráfrases nos auxiliam a compreender os sentidos opacos da expressão “fica em casa”, que, como vemos, são decididos na relação que se estabelece entre trabalho e não-trabalho. Assim, a construção “Quem fica em casa é mãe” tem seus sentidos constituídos por meio de um *pré-construído*, efeito do *interdiscurso*, o qual institui que “ficar em casa” seja

---

<sup>3</sup> Para Courtine (2016), o *intradiscurso* é o lugar onde se realiza a sequencialização dos elementos do saber que constituem o enunciado, onde ele tem sua desnivelção linearizada. Trata-se da dimensão horizontal de constituição do discurso, o *fio do discurso*, constituído em sua articulação necessária com o *interdiscurso*, eixo vertical e lugar onde se elabora o saber de uma FD. Entendemos, então, que *interdiscurso* é estratificado, pois nele há um relação desigual entre posições. É ele que fornece os objetos do discurso, garante a eficácia do assujeitamento.

antagônico a “trabalhar”. O funcionamento da anáfora no encadeamento discursivo assegura que ambos (“trabalha” e “fica em casa”) sejam construídos no fio do discurso como par de oposições, o que autorizaria a primeira paráfrase (Quem não trabalha é mãe) como formulação possível nessa FD e, ao mesmo tempo, desautorizaria a segunda paráfrase (Quem trabalha em casa é mãe), pois “trabalha” e “trabalha em casa” não constituem, pois, uma relação de antagonismo. Afinal, dizer “ficar em casa” não é o mesmo que dizer “trabalhar em casa”.

Verificamos, então, que o sentido de trabalho é constituído num anterior-exterior ao discurso, por meio da inscrição de uma posição ideológica que desconsidera o trabalho doméstico como trabalho, já que o “ficar em casa” é tido, nesta FD, como não-trabalho. Isso porque os *elementos de saber* próprios a essa *formação discursiva* delimitam o formulável, expresso na primeira paráfrase, ao mesmo tempo em que delimitam o não-formulável, aquilo que permanece fora das fronteiras dessa FD. Assim, a segunda paráfrase, expressa por “quem trabalha em casa é mãe”, permanece como *possibilidade não realizada*, como aquilo que poderia ter sido dito, mas não foi.

Deste modo, a dupla predicação (Quem trabalha é mãe. Quem fica em casa é mãe.) se sustenta em uma determinada compreensão do sujeito mãe e dos espaços os quais ele pode/deve socialmente ocupar. O adjunto adverbial de lugar, “em casa”, nos põe a pensar na relação que se estabelece entre sujeito e espaço: enquanto o *espaço público* mantém uma relação com o que se considera trabalho nesta FD, o *espaço da casa* constitui, diferentemente, uma relação com o não-trabalho, produzindo o apagamento de todo um conjunto de atividades domésticas e exercício do cuidado enquanto formas de trabalho. Historicamente constituídos como afazeres femininos, o trabalho doméstico e a atividade de cuidado permanecem, em nossa conjuntura, desvalorizadas e não-remuneradas, meras obrigações femininas. Nesta direção, convém explicitar o debate no que se refere ao que é considerado “lugar de mulher” e, no caso, “lugar de mãe”. A expressão “fica em casa”, formulada em uma relação antagonista à “trabalha”, é fundamental neste processo discursivo. Sua opacidade oculta que os afazeres domésticos e a atividade de *maternagem* são, também, formas de trabalho.

Assim, o funcionamento discursivo do *post* nos dá indicativos de que, na tentativa de inscrição do sujeito do discurso em uma posição ideológica não conservadora em relação à maternidade, algo falha, escapa à vontade do sujeito, inscrevendo-o, contraditoriamente, em uma outra posição. A falha nos mostra a condição estratificada ou desnivelada a qual constitui essa rede de formulações, sob a dominação do interdiscurso, com seus elementos de saber formados como pré-construídos. A formulação é definida, neste trabalho, consoante Courtine (2016), como uma sequência linguística (de dimensão sintagmática inferior, igual ou superior a uma frase) que é

uma reformulação possível do enunciado no seio de uma rede de formulações. A formulação marca a presença do enunciado, definido como lugar onde se estabiliza a referência aos elementos de saber próprios a uma formação discursiva, no intradiscurso de uma sequência discursiva dominada por uma FD, na qual o enunciado é um elemento do saber.

Nesta direção, a segunda sequência discursiva (SD2) - selecionada a partir do comentário que acompanha a postagem, explicitado na figura 1 - nos permite produzir uma reflexão acerca do enunciado que se constitui como elemento do saber que governa essa FD.

SD2:

Minha gente... mãe é MÃE!

Temos, ao fim de um longo comentário no qual o sujeito do discurso adere aos sentidos produzidos no *post*, uma formulação que surge como reescritura que condensa as formulações descritas na postagem, engendrando sobre ela um *efeito de evidência*. O enunciado "mãe é MÃE" constitui, assim, uma predicação que funciona como síntese das formulações presentes no *post*, produzindo uma tautologia acerca da evidência de ser mãe. A tautologia, enquanto proposição analítica, é sempre verdadeira do ponto de vista lógico, pois nela o atributo é construído como uma repetição do sujeito. O enunciado se sustenta, assim, em uma relação de coincidência e identidade entre nome e referência, entre a palavra mãe e a mãe enquanto sujeito/objeto no mundo. Trata-se de uma predicação que não acrescenta nenhuma informação à sentença inicial. Ao contrário, ela a toma como transparente e a reafirma, promovendo a reprodução da evidência: é evidente! Todos sabem o que é ser mãe!

A caixa alta com a qual a predição é grafada sanciona e potencializa o efeito de evidência construído para o nome mãe. A formulação que antecede o enunciado, expressa em "Minha gente...", também corrobora na constituição desse efeito de sentido, pois se tece sobre um vínculo identitário estabelecido entre o locutor e seu leitor, ambos coniventes com os sentidos produzidos no funcionamento discursivo da predicação. É esse funcionamento discursivo que nos permite ver que é no nível de constituição do enunciado como elemento de saber, sob a dominação do interdiscurso, que se situa a instância do sujeito universal (ou do sujeito do saber próprio a uma FD). Ele se refere, segundo Courtine (2016) ao lugar de onde se pode enunciar: "todo mundo sabe/vê/diz/entende que...". "O saber próprio a uma FD é assim formado pelo conjunto de afirmações referentes ao sujeito universal e marca bem que o enunciável se constitui como exterior ao sujeito que enuncia" (COURTINE, 2016, p. 23).

É interessante notar que o processo de leitura/escritura vislumbrado a partir deste recorte é marcado tanto pela fragmentação quanto pelo efeito de unidade, uma vez que temas diversos – parto, cuidado, amamentação – dividem espaço com a imagem de uma gestante de perfil, bem como com centenas de comentários, dos quais selecionamos apenas um. Assim, embora a postagem se apresente aos olhos do leitor como uma unidade a ser lida, nela inscrevem-se diversos gestos de autoria que marcam sua composição, particularmente demarcados, neste caso específico, pelos/nos comentários. A noção de autoria, segundo Orlandi (1996, p. 15) é compreendida como uma “posição na filiação de sentidos que vão se constituindo historicamente e que vão formando redes que constituem a possibilidade de interpretação. Sem esquecer que filiar-se é também produzir deslocamentos nessas redes”, diz a autora.

#### 4 “O desafio da maternidade”: como (não) ser mãe no Facebook

Segundo Orlandi (1999), o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os processos parafrásticos referem-se à estabilização, são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém. Já os processos polissêmicos dizem respeito aos deslizamentos, à ruptura nos processos de significação. O *corpus* que analisamos representa, assim, diferentes estados de um processo discursivo. Nas sequências discursivas anteriormente analisadas, vimos que o funcionamento parafrástico caracteriza-se pela estabilização de uma interpretação sócio-historicamente posta a respeito da maternidade. No próximo recorte, no entanto, vislumbramos a presença de um deslocamento, ou mesmo da inscrição do sujeito em outra FD, sugerindo uma mudança de um estado a outro do processo discursivo.

Enfatizamos que, na elaboração do quadro teórico a partir do qual abordamos o discurso, não assimilamos as *condições de produção* do discursivo à mera circunstância situacional. Propomos pensar a enunciação por meio da descrição de posições-sujeito em uma formação discursiva (FD), ou seja, levando em conta o processo de *assujeitamento* pelo qual o indivíduo é constituído em sujeito pela ideologia, consoante a tese althusseriana. Isso impõe considerar o *primado do interdiscurso*: é no interdiscurso de uma formação discursiva, na articulação contraditória constitutiva com as formações ideológicas, ou seja, levando em conta que a contradição é constitutiva da formação discursiva, que se organiza o *domínio de saber*: elementos de saber que funcionam como princípio de aceitabilidade daquilo que pode ou não ser formulado no interior de uma formação discursiva (COURTINE, 2016, p.23). O domínio de

saber decide, portanto, “aquilo que pode e deve ser dito”, ao mesmo tempo em que determina o não formulável, aquilo que permanece fora das fronteiras de uma formação discursiva.

Dessa forma, podemos falar de uma leitura que se interessa pelo novo no interior da repetição, tomando a relação entre a língua, “[...] como sistema sintático passível de jogo e a discursividade como inscrição de efeitos linguísticos materiais na história” (PÊCHEUX, 2010, p. 58). Desta forma, compreendemos que as questões que envolvem a maternidade compõem um campo discursivo conflitivo no qual diversas formações discursivas se cotejam em movimentos de enfrentamento e não apenas de estabilização. Tais movimentos de confronto produzem deslocamentos na memória discursiva (PÊCHEUX, 2007), que se materializam como *acontecimento discursivo*, dando a ver o embate ideológico entre diferentes posições-sujeito a partir das quais interpretações desiguais acerca da maternidade são produzidas.

Compreendemos a memória discursiva como “memória social, coletiva, na sua relação com a linguagem e a história” (COURTINE, 1994, p. 5), considerando que “a linguagem é o tecido da memória, isto é, *sua modalidade de existência histórica essencial*” (COURTINE, 1994, p. 10, grifos do autor). A partir dessa perspectiva teórica, assumimos, então, que os processos discursivos constituem os espaços simbólicos, onde é possível observar a funcionamento da linguagem como materialidade própria da memória histórica.

Assim, os sentidos se sedimentam historicamente como memória discursiva e se apresentam estratificados e desnivelados pelas relações de força que determinam ideologicamente o discurso. A memória discursiva consiste, então, em um espaço ideológico estruturante e estruturado onde se realiza a interpretação, ou seja, há uma articulação inextricável entre ideologia e interpretação (ORLANDI, 1996, p. 96), a qual “atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa”. Isso nos põe a pensar que a interpretação socialmente e historicamente aceita para a maternidade consiste num efeito de memória que se manifesta na linearidade dos discursos. Entretanto, sendo consequência da relação da língua com a história, a memória discursiva é constitutivamente afetada por falhas que atravessam a língua e por contradições que estruturam a história: o real histórico pode vir a dar vasão, assim, a um contra-discurso. Vejamos o *post* que compõe o próximo recorte:



Natália Pinheiro adicionou 3 novas fotos.

16 de fevereiro às 16:17 · 🌐

Fui muito marcada no desafio da maternidade. Fico feliz que se lembrem de mim, que me marquem em textos, que compartilhem comigo outras realidades.

O desafio propõe que postemos três fotos que mostrem o quanto a maternidade nos faz feliz.

Participo do desafio, mas não endosso sua premissa. A maternidade não me faz feliz, o Yuri me faz feliz. Eu não amo ser mãe. Colocar meus planos em pausa, não dormir direito, ser cobrada sempre e sempre me sentir errada, morar sozinha com um bebê de 15 meses, estudar sem ter tempo para estudar, ser preterida em relacionamentos, ser abandonada por todas as minhas amigas, suportar sozinha o peso da minha existência: nada disso me faz feliz. Não vejo em nada disso os passos que preciso trilhar ou o preço que pago por ter minha cria em meus braços.

Eu amo o Yuri. Amo com um amor que torna algumas privações mais suportáveis, algumas dores mais velozes, algumas lágrimas menos solitárias. Eu amo o Yuri, mas eu não amo ser mãe. Eu não amo ser mãe em uma sociedade que reserva a mim o papel de cuidadora inata, de Maria, de culpada. Eu não amo ser mãe em um sistema que me apedreja por dizer que eu não amo ser mãe, por dizer que ser mãe é a experiência mais triste e solitária que já vivi, por falar sobre amor sem falar sobre hierarquia, por nunca deixar ninguém dizer que amar um filho é viver só por ele. Eu sou tão importante quanto o Yuri. Minha felicidade, meus sonhos e minha individualidade valem o mesmo que a felicidade dele, os sonhos dele e a individualidade dele.

Três fotos de nós dois juntos, lutando juntos, resistindo juntos. Nós dois olhando para frente e construindo o amor que levaremos até o fim.

**Figura 2** – Postagem do Facebook referente ao “#desafio da maternidade”, que compõe a SD3.

**Fonte:** Geledes<sup>4</sup>

Sustentamos que, nesta postagem, o virtual coloca-se como espaço no qual uma contra-identificação com uma interpretação consensual da maternidade torna-se possível. Espaço onde funciona uma memória saturada. Contudo, essa memória discursiva é também lacunar e clivada pelo equívoco a convocar interpretações outras, capazes de configurar um dizer político sobre a maternidade que implique movimentos de resistência. Voltamo-nos a sua descrição.

Em fevereiro de 2016, uma “brincadeira” passa a circular na rede de sociabilidade Facebook, gerando polêmica entre os participantes. Trata-se do “#desafio da maternidade”, uma espécie de corrente virtual na qual mulheres foram desafiadas por seus “amigos” a postarem três fotos que mostrassem o quanto a maternidade as fariam felizes. Nesta postagem, em particular, o sujeito desafiado responde à convocação diferentemente do esperado, indicando uma inscrição subjetiva que não condiz com os elementos do saber colocados em jogo no “desafio” proposto, como expresso na terceira sequência discursiva (SD3):

SD3:

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/em-resposta-ao-desafio-da-maternidade-feministas-desconstroem-a-imagem-idealizada-do-que-e-ser-mae/>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2016, às 18h10.

Participo do desafio, mas não endosso sua premissa. A maternidade não me faz feliz, o Yuri me faz feliz. Eu não amo ser mãe.

Nesta SD, embora consinta em participar do jogo, o sujeito não adere aos sentidos produzidos pela/na convocação proposta no “#desafio da maternidade”, explicitada por meio da conjunção adversativa “mas” acompanhada da negação: “Participo do desafio, mas não endosso sua premissa”. Essa forma de alocar-se frente ao jogo de linguagem proposto diz de uma tomada de posição do sujeito que não é a mesma daquele que, não se identificando com os sentidos desta FD, simplesmente ignora o desafio, quebrando a “corrente”. Ela consiste em uma posição que não se conforma em silenciar, mas, ao contrário, inscreve uma necessidade de dizer suas experiências e sentimentos com relação à maternidade.

Trata-se de um testemunho, ou seja, um relato através do qual o sujeito partilha seus problemas e confessa suas dificuldades para com as demandas impostas por uma certa interpretação da maternidade em nossa sociedade. Nele, o sujeito-mãe procura palavras para dizer a “experiência mais triste e solitária” que já viveu, uma forma de abandonar a solidão, pelo endereçamento de sua fala. Assim, ele encontra no gesto de compartilhar virtualmente seu relato uma forma de suportar o peso de sua existência, inscrevendo um “eu” que diz de si e de sua vivência. Entretanto, esse sujeito que vive/vê/diz sua experiência, na passagem do concreto ao abstrato, não constitui universalização, ou seja, não é possível a cada um e a quem quer que seja identificar-se com a posição assumida pelo sujeito-mãe em seu relato. Encontramos, pois, um problema no que tange ao “processo de identificação (‘se eu estivesse onde tu(você)/ele/x se encontra, eu veria e pensaria o que tu(você)/ele/x vê e pensa’)” (PÊCHEUX, 2009, p. 118): embora haja mulheres que explicitam sua identificação com o posicionamento desta mãe em comentários de apoio e empatia, não há, neste caso, a partilha de um imaginário consensual que autorize a universalização desta posição-sujeito-mãe. Ao contrário, ela é fortemente rejeitada e criticada, suscitando, inclusive, reações violentas, conforme observamos em outra postagem<sup>5</sup>.

Neste *post*, o sujeito-mãe anui ao ritual discursivo. Contudo, ao entrar no jogo de linguagem, ele acaba por desestabilizá-lo, sabotando seu funcionamento ideológico, através do questionamento de uma interpretação socialmente posta sobre o que é ser mãe, interpretação que determina sentidos hegemônicos para a maternidade em nossa formação social. Entendemos que é, pois, no campo da enunciação que a identificação com uma posição-sujeito se produz. Isso quer dizer que, em termos de significações, temos posições inscritas no discurso. Deste modo, nesta SD, o sujeito inscreve uma posição outra acerca da

---

<sup>5</sup> O *post* pode ser lido em: [<https://www.geledes.org.br/em-resposta-ao-desafio-da-maternidade-feministas-desconstroem-a-imagem-idealizada-do-que-e-ser-mae/#gs.LyEG6Mo>]. Acesso em: 04 de julho de 2017.

maternidade, a qual rejeita uma interpretação ideologicamente dominante, como podemos constatar na quarta sequência discursiva:

SD4:

Eu amo o Yuri, mas não amo ser mãe. Eu não amo ser mãe em uma sociedade que reserva a mim o papel de cuidadora inata, de Maria, de culpada. Eu não amo ser mãe em um sistema que me apedreja por dizer que eu não amo ser mãe, por dizer que ser mãe é a experiência mais triste e solitária que já vivi, por falar sobre amor sem falar sobre hierarquia, por nunca deixar ninguém dizer que amar um filho é viver só por ele.

Observamos, então, a inscrição de uma posição que subverte a eficácia material do imaginário, a qual consiste, justamente, na distribuição de identificações segundo o estereótipo da mãe-santa, aquela que padece e morre por seus filhos, visível sobretudo nas designações formuladas para dizer a maternidade em nossa formação social: “cuidadora inata”, “Maria”, “culpada”. Tais designações, encadeadas de modo a construir significações para a maternidade, funcionam a partir de elementos construídos em outros espaços de memória, historicamente produzidos em outro lugar: o discurso religioso.

Assim, essa posição de sujeito denuncia os sentidos de maternidade que ratificam uma memória em funcionamento na escritura sagrada, a qual remete à contradição que se textualiza no provérbio “Ser mãe é padecer no paraíso”<sup>6</sup>, cuja aporia materializa um *discurso fundador* (ORLANDI, 1983): a imagem da mulher que se torna rainha pela maternidade, mãe doce e misericordiosa destinada ao vale de lágrimas. O tornar-se mãe, seria, então, concebido pela inequívoca *condição do martírio*, contradição insolúvel entre sofrimento e felicidade como constitutiva na natureza da maternidade, diante da qual só restaria a resignação. A presença de Maria, mãe de todos os homens, aos pés da cruz impõe essa imagem de *Mater Dolorosa*: imensidade da dor, mas também *resignação muda* diante do sacrifício aceito pelo filho (KNIBIEHLER, 2000, p.34).

Em seu estudo sobre a condição feminina no Brasil colonial, Del Priore (1993) aborda o esforço de colonização para as mulheres que resultou em um “[...] longo processo de domesticação da mulher no sentido de torná-la responsável pela casa, a família, o casamento e a procriação, na figura da ‘santa-mãezinha’ [...]” (DEL PRIORE, 1993, p. 26). Segundo a historiadora, esse adestramento envolvia a disseminação de comportamentos importados da

---

<sup>6</sup> Um exemplo do modo como este discurso fundador ecoa nas narrativas contemporâneas é o *blog* de Rita Lisauskas, hospedados no *site* do conhecido jornal Estadão e cujo título merece destaque: “Ser mãe é padecer na internet” apresenta uma intrigante substituição na formulação da escritura sagrada, na qual, embora a internet figure como paraíso, não há vestígios de deslizamentos acerca da condição de martírio como destino inequívoco para a mulher-mãe.

metrópole e, principalmente, a difusão do discurso da Igreja, seus sermões dominicais e a prática da confissão, importante instrumento que integra o dispositivo (de controle) da sexualidade, consoante Foucault (1988). O mito brasileiro da santa-mãezinha entronizou e reverenciou a figura da mulher mãe, tornando-a um estereótipo. Seu avesso, diz Del Priore (1993, p. 39), “‘a mulher da rua’, faz o contraponto necessário para lembrar que não existe uma sem a outra”. À figura materna, então atrelada ao espaço da casa, da administração do doméstico e da educação e cuidado com os filhos, opõe-se imaginariamente a figura da prostituta, a “mulher da rua”, aquela que ocupa o espaço público reservado aos homens.

O mais interessante, contudo, é que, como Eva que comeu efetivamente a fruta maldita, essa mãe que relata sua condição de opressão também ousou desobedecer a ordem da “Lei”, rompendo a cadeia da resignação muda. Ela ousou atravessar a fronteira de uma formação discursiva para constituir sentidos em um outro lugar, produzindo um contra-discurso que é parcialmente rejeitado pela “comunidade” virtual.

##### **5 “O desafio da maternidade real”: negação, polêmica, censura**

Voltando rapidamente à SD3, é interessante notar como o sujeito faz uso da negação para dizer de si e de sua condição: “Participo do desafio, mas não endosso sua premissa. A maternidade não me faz feliz, o Yuri me faz feliz. Eu não amo ser mãe”. No enunciado “Eu não amo ser mãe”, figura um não onde se espera uma afirmação. Deste modo, sustentamos que esse não aparece como um sintoma das relações tecidas entre sujeito-mulher e sociedade. Há, pois, uma prática de *falar de si* que se constitui para fins determinados: instalar a não-concordância, a crítica, a polêmica; mas, também, verbalizar o sofrimento, endereçá-lo ao outro, testemunhar sua condição, o que coloca essa escrita como algo que promete atenuar a dor vivenciada.

Assim, em termos linguísticos, podemos considerar que essa negação instala uma polêmica entre pontos de vista antagônicos, conforme Ducrot (1981 apud INDURSKY, 1990). Para ele, a negação polêmica permite que se expressem, simultaneamente, os pontos de vista antagônicos de dois enunciadores: “o enunciado positivo é imputado a um primeiro enunciador; enquanto o negativo é atribuído a um segundo enunciador, com o qual o locutor se identifica para opor-se ao primeiro” (p. 118). Segundo Ducrot, a negação polêmica é similar à denegação psicanalítica. Se assumirmos essa premissa, temos, no mesmo enunciado, tanto uma duplicidade de enunciadores, constituindo a negação polêmica, quanto um desdobramento do sujeito, constituindo a denegação.

Entretanto, em termos discursivos, tal premissa não é válida, pois na teoria semântica da enunciação considera-se que a negação polêmica decorre de um confronto direto entre pontos de vista de dois enunciadores antagônicos. Já na perspectiva da Análise de Discurso, a “polêmica se instaura porque tais pontos de vista representam posições de sujeito determinadas por FD antagônicas” (INDURSKY, 1990, p. 119). Ou seja, a polêmica, para a AD, se estabelece entre duas posições-sujeito e não entre dois sujeitos. Ela não é, pois individual, mas decorre do confronto entre práticas discursivas sociais, instaurando, por conseguinte, uma relação de *interincompreensão*, conforme Maingueneau (1989): “uma polêmica irreconciliável entre posições-sujeito que não se escutam” (FEDATTO, 2015, p. 96). Vejamos os modos com que a negação é novamente instalada na continuidade das formulações desta mesma postagem, que figuram na próxima sequência discursiva:

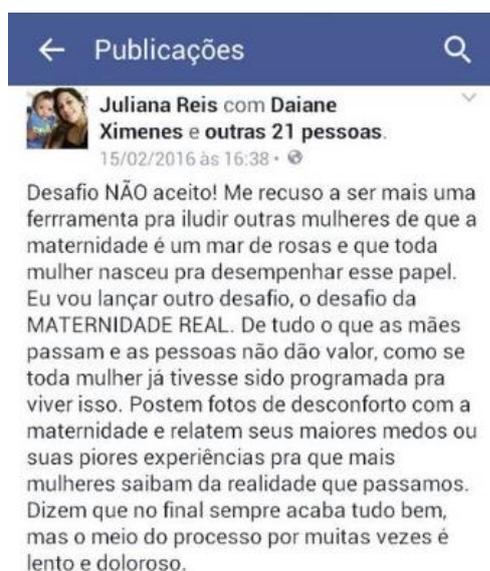
SD5:

Colocar meus planos em pausa, não dormir direito, ser cobrada sempre e sempre me sentir errada, morar sozinha com uma criança de 15 meses, estudar sem ter tempo para estudar, ser preterida em relacionamentos, ser abandonada por todas as minhas amigas, suportar sozinha o peso da minha existência: nada disso me faz feliz.

Em “nada disso me faz feliz”, o pronome “disso” reescreve as asserções anteriormente enumeradas, ou seja, ele substitui “Colocar meus planos em pausa, não dormir direito, ser cobrada sempre e sempre me sentir errada, morar sozinha com uma criança de 15 meses, estudar sem ter tempo para estudar, ser preterida em relacionamentos, ser abandonada por todas as minhas amigas, suportar sozinha o peso da minha existência”. Essa enumeração caracteriza a maternidade na formação discursiva à qual o sujeito se identifica, revelando o modo com que ele se relaciona com uma FD dominante, na qual a maternidade é significada como uma benção. A negação é, novamente, a forma encontrada por esse sujeito para expressar sua condição: “nada disso me faz feliz”. Aqui, podemos verificar, conforme Indursky, que há negação polêmica e não denegação, uma vez que a negação não corresponderia a um elemento recalcado, o qual o sujeito não pode reconhecer.

Ao contrário, a negação se manifesta em relação aos elementos de saber da FD dominante, instalando a polêmica. Sustentamos que, em nossa formação social, o funcionamento da negação é historicamente constitutivo da subjetividade da mulher, identificando-a em um espaço de interdição. À mulher, a interdição aparece sob muitas faces, alienando-a de sua sexualidade, de seu corpo, de sua história. Ao formular a maternidade pelo uso de uma negação, essa mulher-mãe estaria, portanto, denunciando uma realidade tecida por interdições, delatando sua condição constituída por proibições, embargos e confiscos.

Passemos agora ao funcionamento da censura. No *post* ilustrado na figura 4, o sujeito inscreve a negação como forma de rejeitar o desafio da maternidade, produzindo para ele um deslizamento: “o desafio da MATERNIDADE REAL”. Diferentemente do “Desafio da maternidade”, trata-se de postar fotos que representem “desconforto”, “medo” ou “suas piores experiências”. Neste caso, a interpelação proposta pelo Desafio falha, produzindo uma ruptura de sentidos que dá a ver o espaço virtual como lugar no qual os sujeitos podem se posicionar politicamente acerca de uma questão. Entretanto, embora coloque-se como *espaço do tudo dizer*, esses sítios virtuais onde os sujeitos falam de si são estreitados pela vigilância do outro e da máquina. A rejeição de uma posição que se oponha aos sentidos estabilizados de maternidade ocasionou a denúncia e posterior exclusão do perfil desta mãe da rede social, por conta das “declarações polêmicas” presentes em seu *post*. Sua fala é cesurada, silenciada, posto que supostamente “fere” o estatuto de moralidade compartilhado pelos usuários da rede.



**Figura 3** – Recorte que compõe a quinta sequência discursiva SD5, extraído da postagem “o desafio da MATERNIDADE REAL”.

**Fonte:** Estadão<sup>7</sup>

Segundo os “Padrões da Comunidade” do Facebook<sup>8</sup>, as postagens podem ser denunciadas em casos de “abusos” ou postagens consideradas “ameaça”, “bullying ou assédio” e “exploração e violência sexual”. Como não condiz com esses termos, o *post* denunciado teve seu perfil reativado após alguns dias. Segundo Orlandi (2007, p. 59), a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. “De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/por-que-falar-sobre-maternidade-sempre-da-confusao-nas-redes-sociais/>>. Acesso em 04 de julho de 2017, às 17h12.

<sup>8</sup> Disponíveis em: <[https://www.facebook.com/help/www/1709360766019559?helpref=page\\_content](https://www.facebook.com/help/www/1709360766019559?helpref=page_content)>. Acesso em: 05 de julho de 2017, às 14h36.

silenciamentos”. Um desses silenciamentos se impõe, justamente, pela censura: sentidos que impõe limites aos efeitos metafóricos, mostrando, a fragilidade no processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória. Para a autora, a censura consiste em casos nos quais sentidos historicamente viáveis são politicamente interditados, postos para fora do discurso.

Junto a esses sentidos interditados denegam-se, também, as posições-sujeito que a eles se filiam, impedindo que essas posições ideológicas e subjetivas se constituam e circulem no virtual, fazendo com que as vozes discordantes sejam exiladas, num comportamento que evidencia o horror ao estrangeiro. Essa violenta exclusão do não idêntico, estabelecida como solução para o mal-estar gerado pela estranheza de si, diria Freud, nos diz da fragilidade do laço social na sociedade contemporânea que, mesmo não sendo privilegio do virtual, encontra nele um espaço para se proliferar, materializando-se em discursos de ódio que se escodem no anonimato das redes e na dificuldade de responsabilização jurídica por ele imposta. É contra esse funcionamento perverso que devemos, enquanto analistas de discurso, estar atentos, posicionando-nos politicamente frente ao desatar dos nós que tecem o laço social.

## **6 Considerações finais**

Neste artigo, tecemos reflexões acerca dos efeitos de maternidade em postagens do Facebook, procurando mostrar os movimentos de sentidos e sujeitos (im)possíveis na rede. Nos modos de sua constituição, formulação e circulação, o Facebook constitui um inventário de coisas ditas, que, entretanto, só tem sentido se certa historicidade estiver em jogo. Reconstituir essa historicidade é, pois, trabalho do analista de discurso que, munido de suas premissas teóricas, busca mostrar os efeitos de evidência produzidos na rede, face ao funcionamento da memória metálica e ao apagamento da historicidade que ela inscreve. Ao configurar-se como repositório de discursos, no apagamento de suas condições de produção, o Facebook passa a funcionar como pura saturação, tamponamento da falha, lugar onde um discurso outro sobre a maternidade é rejeitado. No entanto, “o que foi censurado não desaparece de todo. Ficam seus vestígios, de discursos em suspenso, in-significados e que demandam, na relação com o saber discursivo, com a memória do dizer, uma relação equívoca com as margens dos sentidos, suas fronteiras, seus des-limites” (ORLANDI, 2007, p. 67). Assim, “o sujeito que opera a máquina o faz por meio da linguagem” e, ao fazê-lo, instala a possibilidade da inscrição de outra posição, tecendo versões nas quais é possível pensar a maternidade enquanto resistência: “três fotos de nós dois juntos, lutando juntos e resistindo juntos” (fig. 2).

As análises tornam possível ver que, mesmo diante do “absurdo círculo de evidência constituído pela interpelação”, que identifica a mulher-mãe aos sentidos de culpa, sofrimento e resignação mudam impostos pela Ideologia dominante, ainda assim é possível se voltar contra as causas que a determinam. “Não há ritual sem falhas, enfraquecimento e brechas”. É, pois, no deslizamento de sentidos de maternidade, na ruptura com sentidos hegemônicos, que a resistência se faz possível. Essa tomada de posição não se dá, conforme Pêcheux (2009), aos modos de um “pedagogismo” ou de uma “conscientização” que restauraria ao sujeito seu lugar de centro, origem. Ao contrário, é preciso reconduzir o sujeito à sua condição dividida, lembrando que se “a revolta é contemporânea à linguagem, é porque sua própria possibilidade se sustenta na existência de uma divisão do sujeito, inscrita no simbólico (PÊCHEUX, 2009, p. 279).

## Referências

CHAVES, T. V. **Da marcha das vadias às vadias da marcha**: discursos sobre as mulheres e o espaço, 2015, 145f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

COURTINE, J-J. Le tissu de la mémoire: quelques perspectives de travail historique dans la sciences du langage. **Langages**, Paris, n.114, junho, p. 5-12, 1994.

\_\_\_\_\_. Definições de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias**. Ano 1, n.1, junho, p. 14-35, 2016.

DEL PRIORI, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF, 1993.

DIAS, C. **Sujeito, sociedade e tecnologia**: a discursividade da rede (de sentidos). São Paulo: Hucitec, 2012.

\_\_\_\_\_. Linguagem e tecnologia: uma relação de sentidos. In: PETRI V.; DIAS, C; (Orgs.). **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Ed da UFSM, 2013, p. 49-64.

FEDATTO, C. Falar de si na rede: um espaço para quem (não) sou. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 81-108, 2015.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**. Vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

INDURSKY, F. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 19, p. 117-122, jul./dez. 1990.

KNIBIEHLER, Y. **Histoire des mères et de la maternité en occident**. Paris: Puf, 2000.

LEVY, P. **O que é o virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996.

ORLANDI, E. P. **Interpretação**; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso**. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. Maio de 68: os silêncios da memória. In: Papel da memória. In: ACHARD, P.; DAVALLON, J.; DURAND, J-L.; PÊCHEUX, M.; ORLANDI, E. **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2007, p. 59-67.

\_\_\_\_\_. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, E. P. (Org.) **Discurso fundador**. A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, M. ; HAROCHE, C. ; HENRY, P. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. **Langages**, Paris, n. 24, p. 93-106, 1971.

PÊCHEUX, M. ; FUCHS, C. Mises au point et perspectives à propos de l'AAD. **Langages**, Paris, n. 37, p. 7-80, 1975.

PÊCHEUX, M. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Caderno de Estudos Linguísticos - O discurso e suas análises**. Campinas: IEL/UNICAMP, n.11, p. 7-24, 1990.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.) **Papel da memória**. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 2007, p. 49-58.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

\_\_\_\_\_. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. et al. (Org.) **Gestos de leitura**: da história no discurso. Tradução Maria das Graças Lopes Morin do Amaral. Campinas: Ed. Unicamp, 2010, p. 49-60.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2011.

SENA, L. M. Criação com apego: verdades, mentiras, equívocos e lendas urbanas. Disponível em: <<http://cientistaqueviroumae.com.br/blog/textos/criacao-com-apego-verdades-mentiras-equivocos-e-lendas-urbanas>> Acesso em: 03 jul. 2017.

Data de recebimento: 5 de julho de 2017.

Data de aceite: 11 de dezembro de 2017.